

Pé na Rua

Manual de redação e estilo

O PÉ NA RUA

Conceito

Há poucos espaços que comunicam outras verdades sobre nossas comunidades, sobre as pessoas que vivem nas nossas grandes e pequenas cidades.

A verdade da mãe que sustenta cinco filhos com salário de lavadeira e que dança salsa todos os fins de semana. A história do menino que quando crescer quer escrever uma novela. Da menina que brinca de ensinar alfabetizando os colegas que não têm sapato para ir à escola.

Mais que um programa de TV, o Pé na Rua é um esforço para demonstrar que é possível fazer audiovisual de qualidade, tendo sempre como meta a apresentação da realidade com destaque à ótica dos entrevistados. Trazer para a tela novas ideias, novos caminhos para enfrentar diversidades.

O foco está na pessoa comum, cidadãos que, em geral, não têm muito espaço na mídia tradicional. Tudo isso mostrado com uma linguagem descontraída e prezando pela qualidade do fazer jornalístico – desde a pré-produção até a edição final.

Uma revista de cultura, entretenimento e informação, cuja principal matéria prima é o sotaque, a voz, a cor do povo em toda a sua diversidade. As notícias destaque partem das conversas em mesas de bares, os problemas do dia a dia, os questionamentos, a filosofia de vida, os modelos de solidariedade. A vida das pessoas, com suas tristezas e alegrias.

Num processo dialético, o Pé na Rua busca também refletir-se e avaliar-se constantemente, procurando, sobretudo, um contato cada vez maior não só com o público a que se destina, mas também com toda a sociedade.

Quem tem vez no Pé na Rua?

Diversidade é a palavra-chave na composição dos personagens e pautas que compõem as matérias realizadas sob o selo Pé na Rua. Em cada matéria disponibilizada isoladamente na internet e no conjunto do programa que vai ao ar semanalmente, a busca pelas diversas falas, pelos diversos olhares é uma constante para quem participa da produção.

O cuidado precisa ser permanente. É preciso retratar pessoas de várias comunidades diferentes. Questões como gênero, raça/etnia, orientação sexual, presença ou não de deficiência, geração. Tudo isso deve ser observado o tempo inteiro.

Aqui não basta as pessoas terem a chance de aparecer, de mostrar a cara nas

matérias editadas pelo programa. É fundamental que apareçam como protagonistas de suas histórias, como sujeitos que têm opiniões e o direito de difundi-las.

A produção e gravação do Pé na Rua

Seja produzindo a matéria por telefone, por e-mail ou pessoalmente. Seja indo para a rua gravar matérias para o programa, temos que trabalhar sempre com simpatia e respeito às fontes e aos personagens.

Muitas das pessoas que participam do programa jamais tiveram a oportunidade de aparecer na televisão, por isso nosso objetivo sempre será o de deixá-las o mais confortável possível. O tratamento amigável é fundamental para que isso possa acontecer.

Estarão sempre presentes à gravação o/a produtor/a repórter, o/a cinegrafista e o/a assistente. Como em todas as outras pautas, a pontualidade é importante para o sucesso do trabalho. Um/a entrevistado/a que foi deixado/a esperando certamente vai render menos do que se a gravação tivesse começado na hora previamente combinada.

Em todas as saídas, o equipamento deverá ser checado para que não haja imprevistos ou contratempos. Não esqueça de sempre checar o endereço da pauta. Rua, indicação, tempo até o local. Todos os detalhes são importantes para que no dia da saída possamos ganhar tempo.

Uma vez na rua, toda a equipe deverá esforçar-se pra cumprir a pauta com o máximo de agilidade possível – precisamos ter sempre em mente que, durante as gravações, as únicas pessoas que realmente estão trabalhando somos nós. Nossas fontes e personagens, embora tenham o direito de participar do programa, na maioria das vezes não têm esse dever (salvo quando estiverem representando o poder público).

Onde quer que seja a gravação, a cordialidade e o respeito ao ambiente em que estamos deve ser priorizado. Nenhum 'vestígio' do programa deverá permanecer no local além de boas lembranças deixadas nas vizinhanças.

Olhares devem estar sempre atentos para novas pautas (que tendem a multiplicar-se quando estamos na rua) e a simpatia deve ser predominante especialmente para com pessoas que eventualmente atrapalhem as gravações, como é comum acontecer.

Se alguém insiste em chamar a atenção da equipe, conversando alto ou propositalmente 'vazando' no campo visual da câmera, convêm uma abordagem propositiva, convidando-o para participar de um 'microfone aberto' ou mesmo pedindo uma opinião para o 'Diga aí' que está sendo gravado durante esta semana.

Se um som ligado ou uma marcenaria atrapalham o áudio, toda a gentileza deve ser empregada para pedir o favor do silêncio por alguns instantes. Novamente: ninguém tem a obrigação de nos ajudar. A boa vontade cooperar é diretamente proporcional à gentileza do nosso pedido.

A fotografia do Pé na Rua

O fotógrafo (ou fotógrafa) deve estar sempre atento. Precisa estudar novos formatos, assistir programas e filmes, numa tentativa de estar antenado/a. O fotógrafo tem liberdade para propor imagens e olhares. Aliás, ele/a é o olho do programa, portanto precisa estar atento às entrevistas, ouvir o que está sendo dito, conversar sempre com o/a repórter para entender o que ele/a precisa. É parceiro criativo, como todos. Ah, e deve ter uma mão firme, treinar a câmera na mão, que não é tão fácil quanto parece.

Independente da pauta, o fotógrafo sempre está com a câmera na mão. Além do *camera car*, utilizado em quase todas as matérias, deve também estar atento para imagens do cotidiano que possam ser utilizadas nas reportagens ou como eventuais vinhetas.

Nas locações, é sempre importante termos imagens de ambientação, que entram tanto na cobertura das cabeças quanto no corpo das matérias. Sinais de trânsito, carros passando, gente trabalhando, caminhando na rua, placas... Todas essas imagens são 'a cara' do Pé na Rua e jamais podem faltar em nossas fitas.

A edição do Pé na Rua

A edição do Pé na Rua é leve, ágil e procura fazer com que as matérias sejam interessantes não só pelo seu conteúdo, mas pela sua forma. O editor (ou editora) tem toda a liberdade para utilizar imagens de cobertura e textos em *off* para buscar essa leveza e ganhar em informação.

Vamos procurar sempre utilizar falas curtas, que funcionem no conjunto das sonoras, fazendo com que elas se encaixem nas histórias que queremos contar.

Tão importante quanto utilizar boas falas é o esforço para fazer com que as pessoas apareçam sempre dizendo aquilo que realmente querem dizer.

Atenção! Se uma pessoa for entrevistada, seja para uma matéria ou para uma vinheta, todo o esforço possível deverá ser feito para que alguma parte desta sonora seja utilizada. Sabemos que muitas pessoas têm vergonha do microfone e que muitas outras sentem-se importantes em poder participar de uma reportagem de televisão. O esforço de uma e a necessidade de outra não podem ser desprezados na hora de construirmos nossa história.

E mais atenção! Todo mundo que aparece no Pé na Rua, seja quem for, deve ser creditado com nome, sobrenome e ocupação. No caso de crianças que aparecem na vinheta Solução de Criança, bastam nome, sobrenome e idade.

Princípios básicos do conteúdo do Pé na Rua

Valores como diversidade, compreensão, convivência e defesa dos direitos humanos deverão permear todas as pautas do programa, seja na televisão, seja na internet;

Nenhum vídeo postado no site do Pé na Rua ou transmitido no programa de televisão reforçará preconceitos ou incitará a violência de qualquer forma;

Xingamentos e ofensas, assim como calúnia e difamação não terão lugar em nenhum produto com o selo Pé na Rua;

QUADRO DO PROGRAMA

DÁ CERTO

Da Pauta

É neste quadro em que o Pé na Rua dá visibilidade a iniciativas positivas de pessoas ou organizações que trabalham com o objetivo de transformar (para a melhor, claro) as vidas das pessoas de suas comunidades – ou não. São projetos de ONGs, de redes, articulações ou mesmo de indivíduos.

Apenas não serão considerados para o Dá Certo aqueles projetos e programas que são iniciativas de entidades e órgãos governamentais, seja de que esfera for. Projetos de iniciativa da sociedade civil, mas que contam com o apoio do estado, não estão nesta categoria e podem, sim, ser pauta do Pé na Rua.

Já foram pautas do Dá Certo iniciativas como uma quadrilha junina no bairro de Santo Amaro, no Recife; um grupo de jovens comunicadores; uma ONG que trabalha contra o preconceito a pessoas que vivem com o HIV; um grupo que proporciona transporte escolar para crianças do Poço da Panela, bibliotecas comunitárias, etc.

Da Produção

Definida a pauta, um/a produtor/a do Pé na Rua irá entrar em contato com o máximo de antecedência para marcar o dia da gravação. O tempo estimado para se gravar uma matéria do dá Certo é de aproximadamente 2 a 3 horas. O local (ou locais) deverão ser os de funcionamento do projeto e onde possam ser encontrados não só os responsáveis pela iniciativa, mas também aqueles/as beneficiados/as diretamente ou indiretamente – como vizinhos e parentes.

É importante deixar 'amarrados' aqueles e aquelas que serão entrevistados pela reportagem. Quem fala pelo projeto? Quem serão os beneficiados que conversarão com o programa? São jovens? Crianças? Onde podem ser encontrados pais e mães dessa garotada?

No Dá Certo, tão (ou mais) importante quanto o relato de quem executa a iniciativa é o daqueles e daquelas que consideram-na realmente benéfica para a comunidade. São os/as beneficiários/as, colegas e outras pessoas, que legitimam aquele projeto como relevante, como algo que traz benefícios reais e também inspiração para a vizinhança.

Afinal de contas, uma coisa é o depoimento de uma educadora de uma ONG dizendo maravilhas do projeto esportivo em que trabalha. Outra, bem diferente, é a fala de uma mãe atestando a felicidade do filho quando acorda nos dias em que tem aula de futebol.

Cabe ao/à produtor certificar-se de que todos esses personagens estarão disponíveis na hora e no lugar combinado.

Também é fundamental termos antes da gravação o máximo de informações possíveis sobre a pauta. Se for uma organização social, há quanto tempo existe? Como começou? Quantas pessoas participam? Quantas são beneficiadas? Como funcionam os projetos?

Muitas vezes essas informações podem ser obtidas por telefone ou internet e são vitais para que, no momento da gravação, a reportagem possa focar com mais objetividade nas questões mais relevantes para a matéria.

Da Gravação / Forma

No *Dá Certo*, o microfone é um símbolo de protagonismo, de poder. Por conta disso, utilizamos o 'sorvete' sempre na mão do/a entrevistado/a, desconstruindo a norma tradicional do jornalismo. Por conta disso, é muito importante que o/a assistente ou o/a fotógrafo/a fique bastante atento/a para possíveis falhas de áudio que eventualmente aconteçam devido à pouca prática do/a personagem.

Além das entrevistas – que deverão buscar o máximo de informação sobre a iniciativa retratada, temos também a obrigação de capturar imagens que irão ajudar a compor a reportagem, complementando as sonoras e levando o/a espectador/a àquele lugar. Uma câmera que é os olhos de quem está em casa ou assistindo através do computador ou celular. Por isso também são importantes alguns *takes* que possam contextualizar o local em que estamos gravando. Pontos conhecidos, igrejas, praças, placas de rua ou de ônibus ajudam bastante a dar essa impressão – assim como um *camera car* a caminho da pauta.

Todas as atividades que estiverem disponíveis deverão ser gravadas de modo que as pessoas possam 'participar' ao máximo do projeto durante aqueles minutos em que estiverem assistindo à matéria.

Atenção: diversidade de imagens e sonoras não quer dizer excesso de imagens e sonoras. É preciso ter sempre em mente o foco da reportagem para que não nos excedamos no material obtido – se gravamos uma hora, isso quer dizer que teremos que decupar uma hora. É importante estar atento/a ao interlocutor: se o/a repórter sentir que uma personagem já tem um punhado de boas falas, não é preciso estender tanto a gravação. Melhor passar para o/a próximo entrevistado.

Um pouco de conversa entre repórter, fotógrafo/a e personagens é sempre importante antes de começar a gravar. Além de deixar as fontes mais confortáveis, esse papo ajuda também a equipe de produção a ir direto ao assunto e absorver o mais brevemente possível a informação essencial.

Da Gravação / Conteúdo

Quanto mais preparado/a o/a repórter-produtor/a estiver, quanto mais souber sobre a pauta, mais precisa poderá ser a gravação desta matéria. Saber quem fala pelo projeto, quem serão os/as beneficiados/as entrevistados/as, saber um pouco sobre a comunidade em questão. Tudo ajuda a 'ir direto ao ponto'.

Normalmente as entrevistas (a todos/as os/as envolvidos/as) podem começar com uma conversa sobre o lugar onde acontece a iniciativa. É uma comunidade fruto de uma ocupação? É uma Zona Especial de Interesse Social (Zeis)? É um bairro de classe média? É um lugar sem infraestrutura? É um bairro conhecido pela sua arte? Que problemas enfrenta? Que potenciais tem?

Os/as responsáveis pelo projeto vão então falar um pouco de sua iniciativa. Como começou? Que dificuldades enfrentou? O que faz hoje? Como funciona? Como se pode participar? Quem financia? Quais são as dificuldades que ainda enfrenta? Como ajudar?

Aos/as beneficiados/as, cabe dizer como este projeto os afetou na comunidade. O que mudou em suas vidas depois da participação na iniciativa? O que você pretende fazer a partir do que aprendeu/viveu participando deste grupo ou deste projeto?

A todo mundo vale perguntar o que se ganha com o esforço de se iniciar ou de se participar de um projeto social. O que deseja alguém que resolve montar uma biblioteca comunitária? Como pode melhorar a vida de um grupo que tem a ideia de pintar as escolas do bairro ou de dar aulas particulares gratuitamente para crianças com dificuldade escolar?

Dividir estes sentimentos pode dar uma contribuição importante à matéria e até fazer com que as pessoas que assistem ao programa possam sensibilizar-se para também fazerem algo pela comunidade onde vivem.

Mesmo pessoas que não participam diretamente da iniciativa podem dar seu depoimento, dizendo o que acham dessas pessoas ou mesmo falando de como é viver num lugar em que existem propostas como estas sendo tocadas por gente do próprio lugar.

Muito importante: todo mundo que participa do Pé na Rua deverá ter nome e sobrenome! Então não podemos deixar de anotar tudo sobre quem nos concede sonoridade, inclusive a ocupação que deseja ver no crédito. Pessoas desempregadas muitas vezes preferem ser creditadas pelo ofício que conhecem. Vale perguntar como realmente querem ser identificadas.

Da decupagem e construção do roteiro

Quanto menos tempo deixarmos entre a gravação e a decupagem, mais 'frescas' as imagens estarão em nossas cabeças e com mais facilidade identificaremos os pontos-chave da história que queremos contar: o relato de um grupo de pessoas (ou uma entidade) que tem relevância para uma determinada comunidade e que tem um trabalho que merece ser apoiado e multiplicado.

O primeiro passo é o de selecionar falas e imagens que podem ser utilizadas no futuro roteiro. Este primeiro 'filtro' ajudará a/o repórter a obter a verdadeira matéria-prima com que poderá trabalhar. Uma forma de fazer este trabalho é indicar as deixas final e inicial de cada pessoa entrevistada e, num parágrafo à parte, indicar todas as imagens em que podem ser utilizadas.

Maria das Cebolas, agricultora

di: 12:12 “Esse projeto é uma maravilha...”

df: 12:22 “...minhas filhas”

di: 14:12 “O que você”

df 14:30 “pra mim também”

Imagens de apoio

1:02 camera car chegando à comunidade

15:00 crianças correndo

15:30 professora ensinando

16:12 bola rolando rente ao chão

Atenção! É fundamental que os tempos das sonoras e a identificação de quem fala estejam claramente informados.

Após identificadas as falas disponíveis, chegou a hora de produzir o primeiro esboço de roteiro, construindo uma história que deve ter aproximadamente 4 minutos (no máximo 5).

O formato do 'Dá Certo' prevê pequenos textos em *off* que ajudarão a contar essa história. Mas é importante que sejam textos curtos e que sirvam apenas para costurar as falas e 'levantar a bola' para que as próprias pessoas entrevistadas sejam protagonistas.

Muitas vezes começamos a matéria localizando a comunidade, contextualizando o local onde a iniciativa é realizada. Mas atenção: vamos evitar reproduzir preconceitos muitas vezes consolidados pela mídia tradicional. Dizer que determinado bairro 'tem fama de violento' ou que é 'dominado pelo tráfico de drogas' são rótulos e estigmas que o Pé na Rua não pode reforçar.

Além da questão geográfica, há várias outras maneiras de se fazer referências a

um lugar. Pelos artistas que vivem lá, pela origem de seus habitantes, por alguma festa tradicional.

As primeiras falas procuram falar do início da ideia, do projeto. Como surgiu, de onde veio a iniciativa. É uma introdução que prepara o terreno para o que vem em seguida, a metodologia de trabalho, quem pode participar. É sempre melhor quando esses esclarecimentos vêm de mais de uma pessoa, reforçando a ideia de esforço conjunto.

Não podemos deixar de escolher boas falas de pessoas que são ou foram beneficiadas pela iniciativa. É isso que dá a força a nossa história. Um roteiro-padrão vai contemplar também sonoras sobre o prazer de se promover essa atitude e, claro, informações sobre o apoio com que conta o grupo ou entidade – procurando despertar também a solidariedade de outras pessoas.

É legal que a matéria termine com uma fala que traga a esperança ou a emoção de quem proporciona a mudança ou de quem é beneficiado por ela. Vamos 'pescar' uma frase bem forte, bem significativa, que vai grudar na cabeça das pessoas que assistirem ao vídeo na tevê ou pela internet.

Da edição

Comumente iniciamos com imagens do local onde acontece o projeto, podendo também já intercalar *takes* da fachada da entidade (se houver entidade) ou de pessoas se reunindo em torno do projeto.

Uma boa trilha sonora é imprescindível para ajudar as pessoas a entrarem 'no clima' da matéria e também para prender a atenção de quem por acaso esteja assistindo. Se o projeto destacado tiver alguma relação com música, pode ser utilizado (ou não) o áudio vindo de CD ou proveniente de possível som direto realizado na gravação da matéria.

Imagens de atividades sendo realizadas podem surgir tanto como cobertura de algumas sonoras como também em forma de 'miniclipés' que pontuam e dão 'respiro' aos relatos.

Vamos evitar falas longas de uma só pessoa, procurando sempre intercalar as conversas, para que a história seja contada pelo conjunto de pessoas entrevistadas, mesmo que por vezes isso signifique 'picotar' algumas falas.

Como outros quadros do Pé na Rua, o Diga Aí é bem mais longo que uma matéria do telejornalismo tradicional, então é preciso que a edição seja realmente ágil para que as pessoas não cansem, vejam o vídeo pela metade ou mudem de canal.

O/A editor/a é livre para utilizar recursos como *fast forward* ou *slow motion* desde que sirva para dar dinamismo a alguma imagem ou para aguçar a sensibilidade de quem está assistindo.

Chavões como o 'close na lágrima' ou grupos de crianças abraçando e beijando um/a educador/a ou um/a cooperante serão evitados a todo custo. Há maneiras mais criativas de aguçar a sensibilidade do público.

No encerramento da matéria, após a última sonora, pode haver mais clipes de

atividades, da comunidade e um sobe som que ajude a finalizar o quadro com a força que ele precisa.

ENVIANDO VÍDEOS PARA O PROGRAMA

A equipe do Pé na Rua encoraja todas as pessoas e grupos a produzir material e enviar para o nosso site e/ou programa. Todas as contribuições deverão ser enviadas através do site do programa, em formulário próprio.

Atenção apenas para os seguintes termos de colaboração e avisos legais:

- Ninguém, além da equipe contratada pelo programa, está autorizado/a a falar em nome do Pé na Rua onde quer que seja;
- O Pé na Rua não tem condições de pagar pelo material enviado ou ressarcir custos de produção quaisquer que sejam. Também não dispomos de quaisquer equipamentos para ceder ou emprestar.
- A decisão de produzir e enviar conteúdo para o programa é uma decisão de caráter político, proveniente do desejo de produzir, de opinar e de ver seus conteúdos disseminados através da Internet e/ou da televisão;
- Todos os vídeos enviados que estiverem de acordo com os princípios e normas do programa serão automaticamente aprovados e publicados em nosso site num prazo de até 10 (dez) dias. O Pé na Rua não se obriga, porém, a veiculá-los no produto que vai à televisão;
- Ao enviar um vídeo para o Pé na Rua, seus responsáveis e realizadores estão automaticamente autorizando o uso das imagens no nosso site e/ou no programa que vai à televisão. Por sua vez, o Pé na Rua também autoriza o uso e a reprodução de seus vídeos, desde que utilizados em sua íntegra, com finalidades não lucrativas e devidamente creditados.